



CARTÃO DE HABILIDADES – COMO TRABALHAR A DIVERSIDADE POR MEIO DE GRUPOS COLABORATIVOS

GUILHERME OLIVEIRA SOUZA

RESUMO

Este relato de experiência abordará como foi trabalhado o Ensino para a Diversidade, a partir de uma perspectiva de que todos os estudantes são diversos entre si e que é necessário pensar em múltiplas estratégias que atendam e desafiem de maneiras diferentes os educandos, haja vista que cada um possui potencialidades e fragilidades singulares. A ferramenta foi empregada como critério para formação de grupos heterogêneos, incentivando a colaboração e destacando as habilidades individuais. Além disso, o retorno contínuo ao cartão possibilitou que os estudantes monitorassem seu progresso e ajustassem metas, promovendo reflexões metacognitivas. Estratégias complementares, como a “Amarelinha”, foram integradas para estruturar atividades em etapas individuais, em grupo e coletivas, potencializando o aprendizado por meio de diferentes abordagens. Os resultados indicaram avanços significativos: estudantes tradicionalmente vistos como com dificuldades acadêmicas assumiram papéis de protagonismo, valorizados por suas contribuições específicas. Um exemplo marcante foi de um aluno com dificuldades em escrita que, incentivado por seu grupo, assumiu a tarefa de escriba, demonstrando engajamento e superação. Outro estudante, com baixa autoestima acadêmica, destacou-se por suas habilidades em desenho, sendo reconhecido por seus pares. Essas experiências evidenciaram o impacto positivo de metodologias que valorizam a diversidade e a colaboração, mostrando que o aprendizado em grupo fortalece o desenvolvimento individual. A iniciativa destacou a importância de planejar atividades que contemplem diferentes habilidades, promovendo a construção coletiva do conhecimento e incentivando a autorreflexão. Conclui-se que estratégias como o Cartão de Habilidades têm um potencial de transformar o ambiente escolar em um espaço inclusivo e colaborativo, onde todos os alunos são valorizados por suas singularidades.

Palavras-chave: Diversidade; Metacognição; Trabalho colaborativo.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo intrinsecamente coletivo, onde o aprendizado se enriquece por meio das interações entre indivíduos. Inspirado nas premissas das Múltiplas Inteligências, de Howard Gardner, e nos estudos de Rebeca Anijovich sobre a diversidade em sala de aula, desenvolveu-se o **Cartão de Habilidades**. Essa ferramenta didática visa promover a metacognição, a autoavaliação e o trabalho colaborativo, permitindo que os estudantes reconheçam suas potencialidades e identifiquem áreas de desenvolvimento.

O Cartão de Habilidades foi aplicado em turmas do 6º ano de uma escola privada em Santana de Parnaíba, São Paulo, no contexto das aulas de Ciências Humanas – História e Geografia.

Este relato analisa a concepção, a implementação e os resultados dessa abordagem, destacando o papel do coletivo na construção do aprendizado individual.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Embora as aulas tivessem como objetivo desenvolver saberes conceituais históricos e geográficos, o aprendizado de habilidades, essenciais para o lifelong learning (aprendizado ao longo da vida), como escrita coerente, estratégias de sistematização da aprendizagem e compartilhamento de informações, dados e ideias, foi central. Realizar a leitura de textos e imagens é mais que aferir sentido e decodificar seus códigos e símbolos, pois amplia-se para a interpretação, para a sinapse com outros conhecimentos e para a formação cultural e intelectual de cada educando.

Como demonstra Howard Gardner, cada indivíduo é composto por múltiplas inteligências - abordagem esta que não pode ser vista de maneira limitante, como o enquadramento de cada um a um "tipo" cristalizado de potencialidade, mas sim de maneira abrangente e holística, que considera caminhos plurais, em quantidade e variedade, para o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Tal pluralidade situa-se no cerne do trabalho para a diversidade.

A pesquisadora Rebeca Anijovich, autora de diversos livros sobre o tema - *Gestionar uma Escola com Aulas Heterogeneas, Avaliar para Aprender*, entre outros – e professora universitária, ressalta que diversidade é entender que todos os indivíduos possuem saberes e fragilidades distintas. É comum associar diversidade à neurodivergência, como se fossem sinônimos. Porém, essa é uma visão limitante das múltiplas capacidades dos sujeitos com histórias e subjetividades singulares. Anjovich, em suas formações e palestras, afirma que trabalhar com as múltiplas inteligências é, sobretudo, desenvolver diferentes habilidades por meio de diferentes estratégias.

Esse é o ponto de partida e o fio condutor para as propostas do ano letivo. Foi desenvolvido um **Cartão de Habilidades**, que consistia em um pedaço retangular de papel com um retângulo na parte central superior, para que os estudantes fizessem um autorretrato, seguido, abaixo, de quatro eixos modulares - escrita, leitura e interpretação, desenho e oralidade. Com o cartão em mãos, cada estudante deveria avaliar-se em cada um desses eixos, pintando até 6 quadrados.

Figura 1 - Imagem do Cartão de Habilidades, já preenchido por uma estudante do 6º ano A. Acervo pessoal.



Essa metodologia visava dois objetivos centrais: o primeiro relacionava-se com a capacidade de olhar-se metacognitivamente, ou seja, avaliar forças e pontos a serem trabalhados, de maneira que pudesse retornar posteriormente, realizar outra autoavaliação e traçar/ajustar metas; o segundo destinava-se a critério para a formação de grupos e aprendizado entre os pares.

Para as atividades a serem realizadas de forma coletiva, o professor explicitava, na pauta do dia, qual seria critério para formação do grupo - como, por exemplo: uma pessoa com

facilidade em leitura e escrita, com outra que precise desenvolver essa habilidade, mas que tenha facilidade em oralidade.

Embora não contemple as 9 inteligências definidas por Gardner - Linguística, Lógico-matemática, Espacial, Corporal-cinestésica, Musical, Interpessoal, Intrapessoal, Naturalista e Existencial – o cartão garante que sejam contempladas habilidades distintas entre si, ampliando o leque de possibilidades não só de agrupamentos, mas de ação dos estudantes.

Com o critério esclarecido, os estudantes olhavam para seus cartões e procuravam algum colega na turma que completasse o par/grupo com o que foi solicitado. Dessa maneira, cada estudante tinha clareza do que cada um deveria desenvolver ou sofisticar - ao ajudar um colega - e a importância de seu par.

Ao considerar que avançou em algum dos pontos avaliados, o estudante deveria pintar o avanço nos quadrados com lápis de outra cor e escrever, atrás do cartão, porque ele achou que isso ocorreu e em qual atividade tal melhora ficou evidente para ele. Essa é uma etapa importante para alçar o nível metacognitivo, chamada de monitoramento, de acordo com a *Cambridge Assessment International Education*.

Junto ao cartão, foram utilizadas estratégias elaboradas por Rebeca Anijovich, como a *Amarelinha* – em alusão à brincadeira, muito jogada por crianças tanto no Brasil quanto na Argentina - que consistia em dividir o trabalho a ser realizado em etapas com agrupamentos diferentes, da seguinte forma:

1. Trabalho individual – primeiro contato com o assunto/conhecimento ou coleta de conhecimento prévio.
2. Trabalho em grupo – execução da tarefa, podendo ser uma pesquisa, uma lista de exercício, elaboração de um texto, análise de uma imagem etc.
3. Trabalho coletivo – sistematização conduzida pelo professor.
4. Trabalho em grupo – momento de correção e aprimoramentos da atividade realizada.
5. Trabalho individual – sistematização individual dos conhecimentos e autoavaliação final.

É importante destacar que as diferentes estratégias podem ser utilizadas juntas, pois, como é possível ver na etapa de trabalho em grupo, o cartão de habilidades é um recurso para guiar a jornada a partir de uma análise individual.

Além de garantir diversidade de agrupamento, essa estratégia trouxe maior dinamismo à aula ao promover maior movimentação dos alunos e contar com etapas bem definidas, o que guiava os estudantes a traçarem todo o caminho a ser percorrido, podendo proporcionar tempos e espaços diferentes – já que cada etapa podia ser feita em um lugar.

Faz-se necessário que o educador não tenha uma visão excludente dos diferentes recursos, metodologias e estratégias que conhecerá ao longo de sua trajetória, mas que as utilize juntas, em contextos diferentes, para finalidades e grupos distintos. Trabalhar com diversidade é estar aberto para realizar combinações, experiências e lançar-se constantemente ao novo, exigindo de si o que é comumente esperado dos estudantes: a manutenção de uma mente aberta, que está disposta a ampliar as barreiras de seu conhecimento e que anseia aventurar-se naquilo que não conhece.

Partindo da estrutura demonstrada acima, foi desenvolvida uma sequência didática nomeada “Como seriam os mitos gregos no século XXI?”, que tinha por objetivo desenvolver a compreensão da função do mito e despertar um olhar crítico que pudesse transpor uma mensagem/ensinamento de outrora para os tempos atuais. Solidificava-se, assim, o

entendimento de que o estudo da História não é o aprendizado de algo longínquo e sem significado, mas que é, em oposição, o conhecimento do processo que forma nosso hoje, nossas angústias, problemas e reflete nossa constante evolução enquanto sujeito e sociedade. Nessa proposta, a estrutura foi trabalhada da seguinte forma:

1. Contato com as ideais e os conhecimentos essenciais sobre a Grécia Antiga, a partir de uma exploração individual.
2. Leitura de um mito grego para elaborar uma hipótese que respondesse à pergunta “qual a função desse mito?”, em duplas.
3. Sistematização coletiva e aula expositiva sobre pontos fundamentais da sociedade grega e das funções de um mito.
4. Releitura de um dos mitos gregos, em duplas.
5. Realização de atividades de sistematização individual e retorno ao cartão de habilidades para autoavaliação.

O cartão de habilidades foi utilizado nas etapas 2 e 3, que não contaram, necessariamente, com os mesmos grupos, já que os critérios de agrupamento foram diferentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade de releitura do conto trouxe evidências importantes da efetividade do cartão de habilidades. A primeira foi de um aluno do 6º ano B. Para iniciar, era preciso que realizassem a escolha de um dos mitos que foram estudados em classe para pensar e recontar imaginando como seria se se passasse na atualidade. Era central que refletissem na mensagem e na função originária.

Após isso, deveriam desenhar e/ou realizar uma História em Quadrinhos - **cada dupla tinha o direito de escolher o que preferia** -, junto com a escrita do mito original e a explicação de sua “atualização” – **etapa obrigatória a todos**. O critério para composição do grupo era alguém que teria facilidade em desenho, junto com alguém que teria facilidade em escrita - letra legível, conhecimento de regras gramaticais e adequação à norma culta esperada para o ano.

Nesse trabalho, um estudante que tinha dificuldades notórias na escrita, com desvios gramaticais significativos para sua faixa etária e letra quase incompressível, arriscou-se a ser o escriba do grupo. Durante a execução do seu texto, foi possível observar o seu parceiro de trabalho, que tinha maior facilidade, ajudá-lo a redigir o esboço do que seria escrito. Não somente, também procurou pelo professor mais do que geralmente costumava a fazer, o que demonstrou claro engajamento não só com a atividade, mas com o seu próprio aprendizado, requerendo por dicas, comentários e voltando para correções para entender a raiz de seus erros. Quando perguntado sobre o que o encorajou a executar tal função, ele respondeu “meu amigo me incentivou a escrever. Eu acreditei que eu conseguiria e resolvi tentar”.

Na mesma atividade, um aluno, da mesma turma, com baixo *status* em sala de aula, pelo fato de ter sido retido no ano interior - o que cristalizava, para seus colegas, o lugar de alguém que não era útil para ajudar nas tarefas -, mas com altas habilidades em desenho, juntou-se a um grupo no qual, durante e após o processo, ele foi reconhecido, pelos seus pares, como crucial para a boa qualidade da entrega do trabalho. Ao perguntar para os estudantes sobre o andamento da atividade, eles respondiam “está indo muito, ele [o aluno com dificuldades] está ajudando muito e *tá* ficando muito bom”.

Outros estudantes, quando avisados que haveria trabalho em grupo, já perguntavam

“qual o critério de hoje?”, demonstrando terem não só internalizado a proposta, como também a compreensão de que, no grupo, há sempre algo a aprender e ensinar.

Ao terem suas potencialidades contempladas como essenciais, estudantes que comumente sentiam-se pouco capazes, ocuparam o papel de protagonismo. Ao planejar atividades que abordassem diferentes habilidades, desde a capacidade de ler e interpretar um texto à oralidade, foi possível proporcionar que os estudantes se desenvolvessem de maneira mais holística. Nortear-se por esses princípios levou a elaboração de propostas que abranjam mais áreas do caleidoscópio que é a subjetividade humana, a sua intelectualidade e seu conhecimento.

Portanto, os dois objetivos centrais foram parcialmente alcançados, pois ainda é necessário maior tempo de aplicação para consolidar o sucesso total de suas finalidades, como a metacognição, que é desenvolvida ao longo de todo o percurso escolar. Todavia, enquanto instrumento para a formação de grupos diversos, pode-se afirmar que foi exitoso, ao permitir a mesclagem de diferentes critérios. Vale ressaltar que outros pontos, não ligados diretamente a habilidades, mas à gestão de sala de aula, podem ser incluídos, como a exigência de unir-se com colegas com quem nunca se trabalhou antes.

O Cartão de Habilidades demonstrou-se um recurso versátil, aplicável em diferentes áreas do conhecimento. Ao compartilhar a experiência com o professor de inglês da mesma turma, este mostrou-se empolgado com a ferramenta e vislumbrou possibilidades para adotá-lo em suas aulas, já tendo se comprometido a utilizá-lo em 2025. Esse interesse reforça o potencial da ferramenta como possível de ser utilizada em contextos distintos.

Embora a atividade, por si própria, não tenha sido capaz de sanar todas as lacunas de aprendizagem do aluno da primeira evidência, ela demonstrou à ele – ou, em outros termos, permitiu que ele proporcionasse a si mesmo através do vínculo com os pares – o horizonte da possibilidade, seja ela de conseguir escrever um bom texto sozinho, de aprender com seus erros e recorrer ao colega, seja da possibilidade de acreditar em si mesmo e na sua capacidade.

Estar em um grupo é desenvolver-se individualmente no coletivo. Anijovich critica a elaboração de propostas cristalizadas nas múltiplas inteligências de Gardner, que propiciam um desenvolver-se somente naquilo “que se é bom”, individualmente. Essa abordagem confunde individualidade com individualismo, ao (re)produzir sujeitos autocentrados, que não reconhecem e não valorizam o poder e a função da coletividade, indo de contramão a ideia central de ser humano como um ser social, elaborada por Aristóteles na Grécia Antiga e fundamental até hoje para a vida pacífica e funcional em sociedade.

É preciso um educador constantemente atento a si, que realiza a práxis defendida por Paulo Freire – ou seja, que age, reflete e volta para sua ação seja para dar um passo adiante ou para ajustar a rota - e que sua prática leve seus estudantes a construção de um corpo coletivo, que cresce junto, aprende com seus erros, auxilia-se e comemora, também, suas conquistas. Que, nesse corpo diverso, cada um possa desenvolver individualmente sua subjetividade e sua cognição.

Vale destacar a máxima que Anijovich utiliza em suas formações “nem tudo, nem sempre, nem todos”. Embora as estratégias diversas sejam de suma importância, não é a todo momento que é possível, haja vista a longa lista de conteúdos e habilidades específicas que os educadores brasileiros precisam garantir em suas aulas.

Desse modo, é necessária uma escolha: para habilidades inegociáveis, ou seja, aquelas que são fundamentais aos estudantes, é importante que sejam trabalhadas de mais de uma maneira para que se tornem memória de longo prazo. Já conhecimentos que retornarão em outros momentos ou não são indispensáveis em um contexto específico, o educador pode lançar-se à instrumentos mais práticos e rápidos, como lista de exercício, que também foram utilizadas com essas turmas de 6º ano.

Outro ponto importante sobre a abordagem do Ensino para a Diversidade e o cartão de

habilidades é a constância e o rigor. O primeiro porque, a compreensão da importância do coletivo e o valor da autoavaliação só serão de fato consumados com o tempo, com evidências sólidas que demonstram, não só para o educador, mas também para os educandos, a importância e a efetividade do que estão fazendo.

Essa efetividade só será possível com rigor. É comum que, no início, os estudantes queiram juntar-se aos seus amigos mais próximos, sem se importarem com a razão de estarem juntos. Nesse momento, é fundamental que não só o professor não permita, mas como também retome, constantemente, o que são critérios, para que servem e suas finalidades naquele contexto.

4 CONCLUSÃO

Essa estratégia, testada em 2024 e com continuidade prevista para 2025, revelou-se efetiva ao proporcionar ganhos individuais e coletivos significativos. Evidências concretas demonstraram que sua aplicação promoveu a valorização de habilidades diversas, o fortalecimento do trabalho colaborativo e a criação de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e participativo.

Para potencializar seus efeitos, recomenda-se a ampliação de seu uso por educadores de diferentes áreas do conhecimento. Por ser uma estratégia de fácil replicação, que utiliza materiais acessíveis e pode ser criada pelos próprios alunos, ela se adapta a diferentes contextos educacionais e objetivos pedagógicos. Além disso, sua flexibilidade permite que seja integrada de forma pontual ou contínua, dependendo dos objetivos e necessidades de cada educador e contexto.

Conclui-se, portanto, que iniciativas baseadas no trabalho em grupo, focadas em competências e habilidades, ancoradas na diversidade e que promovam a metacognição são desafiadoras, mas absolutamente viáveis. Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também transforma o ambiente escolar em um espaço onde a singularidade de cada estudante é reconhecida e valorizada, tornando o aprendizado tangível e profundamente significativo.

REFERÊNCIAS

ANIJOVICH, Rebeca. Gestionar una escuela con aulas heterogéneas: enseñar y aprender en la diversidad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2014.

ANIJOVICH, Rebeca; GONZÁLEZ, Carlos. Evaluar para aprender. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Aique Grupo, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.